

Fala Comunidade - São José do Arrudas



Fotos: Igor Vieira / Patrícia Castanheira

A comunidade de São José do Arrudas está localizada no município de Alvorada de Minas, na rodovia MG 010, Km 196. Como outras localidades rurais, o povoado surgiu com a ocupação de trabalhadores que prestavam serviços em uma fazenda de café e de gado da região.

Dona Agostinha, nossa entrevistada, contou que quando chegou, em 1961, muitas famílias já residiam na localidade. Sua família era de Teodoro. Ela casou-se e mudou com o marido (João Peixoto) para São José do Arrudas. Seu marido começou a trabalhar na construtora Barbosa Mello que abria a estrada, hoje MG 010. Na época, a área onde mora era denominada Córrego do Sossego.

“Me lembro das carroças puxadas por burros. O movimento de terra era grande. Foi tudo feito na cacunda dos burros, tinha os burrinhos que ficavam pra lá e pra cá, pra lá e pra cá, felizes, felizes...(risos). Eles carregavam a terra até os aterros”, contou. Todos que tinham burros alugavam para a construtora.

Com 99 anos, Dona Agostinha tem muitas lembranças dos tempos antigos. Ela fez questão de contar alguns ‘causos’. *“Naquele tempo, o nosso ônibus se chamava jardineira. A gente demorava um dia pra chegar em Belo Horizonte. O povo levava uma quantidade de trem...era limão, farinha, feijão, doce em calda, galinha e até porco (risos). Tinha uma prateleira de taquara onde ficavam as galinhas vivas, uma por cima da outra. Vendíamos na rodoviária. Um dia um doce em calda começou a escorrer na jardineira e as pessoas diziam... ele está chorando, não quer ir não...(risos)”*.

Dona Agostinha contou também que muitas pessoas tiravam ouro nos rios São José e do Peixe. *“Eu tirava ouro com minha mãe e minha irmã Ana. Eu tinha um tio que tirava muito ouro e a gente lavava o cascalho que ele jogava fora. Vendíamos o ouro e comprávamos roupas, fumo e ajudávamos em casa. Eu comprava um pacote de biscoito tão grande que quase não aguentava carregar...(risos). A gente comprava também um pano que chamava mariposa, tinha de todas as cores”*.



Jacira e sua mãe Dona Agostinha.

Para esta edição, o nosso bate-papo foi com Dona Agostinha (Maria Augusta dos Santos) e sua filha Jacira Peixoto dos Santos. Elas residem na comunidade São José do Arrudas.

ATI39 Nacab: Vocês gostam de morar em São José do Arrudas?

Aqui toda vida foi muito tranquilo. Por ser beirada de estrada, graças a Deus, nunca tivemos problemas não.

ATI39 Nacab: Perceberam mudanças na qualidade de vida nos últimos anos?

A mineração trouxe progresso. Muitas pessoas estão trabalhando em empresas terceirizadas, isso foi bom. Mas, por outro lado, o movimento na rodovia aumentou. Os caminhões passam aqui em alta velocidade e a gente fica com medo de caminhar ou andar a cavalo. Tem muitas pessoas estranhas que não conhecemos.

ATI39 Nacab: Como é morar perto da rodovia?

Na época da construção da barragem sofremos com a poeira. Costumávamos puxar a poeira com o rodo primeiro para depois passar o pano.

No fundo do balde dava um dedo de minério. A água do córrego tinha uma nata vermelha, dava até tristeza de ver.

ATI39 Nacab: A obra de construção da barragem de rejeitos terminou em 2013. Qual é a situação da água hoje?

Hoje tiramos água de um outro córrego para lavarmos roupas e vasilhas. A água para consumo vem de um poço artesiano que foi construído perto da escola. A gente tinha água demais. Aqui já teve até monjolo (socador) e moinho que funcionavam à água. Após a construção da barragem, a nascente foi secando. Foi uma luta. A gente colocava as mangueiras no córrego, elas entupiam e não vinha água nenhuma. A gente tinha que carregar água no balde e encher a caixa. Nesta época, um caminhão-pipa abastecia nossa caixa. Chegamos a comprar água mineral. Foram quase três anos assim.

ATI39 Nacab: Vocês têm alguma outra preocupação?

Ficamos sabendo que a Anglo pretende comprar as terras que fazem divisa com nossa propriedade. É onde fica a nascente do córrego que nos abastece. Se ela cercar tudo, também não podemos mais buscar lenha e vassoura.